



O PARADOXO DE CÓRDOBA: sujeito cognoscente e violência epistêmica

Alcione Corrêa Alves¹

A Sebastião Alves Teixeira Lopes

*A los historiadores,
por habernos dejado fuera.*

*Aquí estamos de nuevo...
cuerpo presente, color vigente,
declinándonos a ser invisibles... rehusándonos a ser borradas.
(Yolanda Arroyo Pizarro, dedicatória da obra las Negras)*

Em um evento recentemente realizado na Universidad Nacional de Córdoba, foi organizado um simpósio intitulado “El Caribe francófono: enfoques, problemas, discusiones” e, integrando suas atividades do segundo dia, uma mesa intitulada “El teatro de Aimé Césaire: lecturas desde el Sur”. A proposta inicial da referida mesa exemplificava um tipo específico de abordagem às literaturas caribenhas e, mais precisamente, às literaturas negras caribenhas de língua francesa: postulando uma relação necessária entre literatura e sociedade, o conjunto de comunicações apresentadas propusera estudos sobre a obra de Aimé Césaire, notadamente em torno de duas de suas obras mais recorrentes, o poema *Cahier d'un retour au pays natal* e a peça *Une tempête*. Levando em conta que uma parcela significativa da produção científica sobre as referidas literaturas, disponível no campo dos Estudos Literários no Brasil, circunscreve seu objeto mediante uso do termo *literaturas francófonas* (abordagem que tende a implicar

¹ Alcione Correa Alves (Universidade Federal do Piauí – Programa de Pós-graduação em Letras).

comprometimento com alguns corolários teóricos e também – advogamos aqui – políticos)², a mesa em questão, desde o princípio, propusera uma interlocução entre uma apreciação da obra de Césaire pelo viés francófono e, de outra parte, [não necessariamente] complementar a esta, uma apreciação que, interpretando a obra de Césaire enquanto texto caribenho e, não raras vezes, texto negro caribenho, situa-o em um debate que, sem excluir uma condição de literatura de língua francesa, discute a relação entre as literaturas negras caribenhas e um conjunto mais amplo de literaturas americanas, seja implicando as três Américas, seja pressupondo uma noção subjacente, nem sempre explícita, de América Latina³.

Ademais, a predisposição a ler o teatro de Césaire *desde el Sur* comporta fundamentos a discussões tanto políticas, dizendo respeito aos lugares de onde se apresentam possibilidades e limites à produção científica (ao que aludira o *Sur* no título da mesa), quanto epistemológicas visto que, na base da leitura em jogo, se pode situar uma afinidade à noção de sul epistemológico, conforme sua formulação por Maria Paula Meneses, de modo a reivindicar o teatro de Césaire (e, de modo privilegiado, a peça *Une tempête*, a última de sua trilogia) como uma escrita *desde el Sur* e, por conseguinte, não necessariamente enquanto literatura nacional francesa ou percebida desde um campo mais amplo do que se têm denominado literaturas francófonas.

A constituição mútua do Norte e do Sul e a natureza hierárquica das relações Norte-Sul permanecem cativas da persistência das relações capitalistas e imperiais. No Norte global, os ‘outros’ saberes, para além da ciência e da técnica, têm sido produzidos como não existentes e, por isso, radicalmente excluídos da racionalidade moderna. A relação colonial de exploração e dominação persiste nos dias de hoje, sendo talvez o eixo da colonização epistêmica o mais difícil de criticar abertamente (MENESES, 2008, p. 5-6)

² Este é, basicamente, o ponto de partida da Tese de Doutorado defendida pelo autor deste artigo, intitulada 'Mon nom, je l'habite tout entier': *littérature-monde en français* e seus lugares de enunciação, disponível no Portal Lume de Dissertações e Teses da UFRGS.

³ Como um dos muitos exemplos possíveis de interpretação da obra de Aimé Césaire por esta senda, destacamos, particularmente, a obra coletiva *Aimé Césaire desde América Latina: diálogos con el poeta de la négritud* (2011), organizada por Claudia Zapata, Lucia Stecher y Elena Oliva, editada pela Universidad de Chile e disponível no sítio http://cecla.uchile.cl/wp-content/uploads/2014/07/Aime_Cesaire_desde_America_Latina_libro.pdf.

Ao centro do problema, Meneses situa uma abordagem crítica ao que denomina colonização epistêmica propondo um estudo das relações Norte-Sul *desde el Sur*, isto é, desde a perspectiva de sujeitos diretamente afetados pela violência no bojo da natureza hierárquica das relações mantidas com o Norte. O texto de Meneses fundamenta, com isso, abordagens desde uma perspectiva-Sul, no sentido de buscar o questionamento das relações Sul-Norte postulando a persistência de relações capitalistas e imperiais como elemento definidor da posição política do Norte nesta equação; retome-se, como segundo postulado, ainda que implícito neste momento inicial do texto de Meneses, que esta perspectiva crítica à natureza hierárquica das relações Norte-Sul deva se estabelecer, quiçá necessariamente, desde o Sul (razão pela qual, nos limites introdutórios ora apontados, buscamos a noção de sul epistemológico em Maria Paula Meneses em detrimento de sua formulação em Boaventura de Sousa Santos, cientes dos debates possíveis ao estipular a pergunta pelos lugares de enunciação do conceito e de seus corolários). Aceitos os termos de Meneses, se mostra possível uma interpretação do *Sur* aludido no título da mesa, assim como seu atrelamento à preposição *desde*, de modo a reivindicar o texto de Césaire como instrumento crítico para, desde um lugar específico da relação Norte-Sul, construir uma *pregunta-Sur* por seus fundamentos.

11

Considere-se, ainda, que esse quadro fornece possibilidades críticas, mediante formulação renovada de problemas científicos tributários da leitura e interpretação da obra de Césaire enquanto texto-Sul, fundamentadas em uma base teórica a propor problemas científicos enunciados, também, *desde el Sur*.

PROSPERO

Puisque tu manies si bien l'invective, tu pourrais au moins me bénir de t'avoir appris à parler. Un barbare! Une bête brute que j'ai éduquée, formée, que j'ai tiré de l'animalité que l'engangue encore de toute part!

CALIBAN

D'abord ce n'est pas vrai. Tu ne m'as rien appris du tout. Sauf, bien sûr a baragouiner ton langage pour comprendre tes ordres: couper du bois, laver la vaisselle, pêcher du poisson, planter des légumes, parce que tu es bien trop fainéant pour le faire. Quant à ta science, est-ce que tu me l'as jamais apprise, toi? Tu t'en es bien gardé! Ta science, tu l'a gardes egoïstement pour toi tout sel, enfermée dans tes gros livres que voilà.

PROSPERO

Sans moi, que serais-tu? (CESAIRE, 2008, p. 25)

Na passagem citada, observa-se os termos delineados por Meneses para traçar uma relação Norte-Sul em termos assimétricos – conforme a autora, uma natureza hierárquica: aqui, a partir da posição defendida por Prospero, a passagem da peça de Césaire comporta uma interpretação anterior, a saber, que o uso do termo *natureza*, por Meneses, diz respeito à hierarquia enquanto elemento intrínseco, fundador, no bojo da relação quando enunciada *desde el Norte* (mantendo o jogo de palavras do título). Para Prospero, a animalidade de seu Outro estaria desde sempre dada, como atributo, exigindo como profilaxia um aporte de civilização (uma prerrogativa natural de Prospero, uma das razões a justificar sua dominação na ilha); na falta dela, ou em seu olvido, Caliban regressaria de imediato à posição inicial, natural[izada], de animalidade, este que sequer sabia falar antes do aporte de civilização trazido pelos imigrantes à ilha. Uma *lectura desde el Sur* da peça *Une tempête* busca compreender não apenas a resposta de Caliban como, em sua base, as condições de possibilidade a uma resposta calibânica, assim como, anteriormente, à legitimidade de uma enunciação calibânica requerendo, contudo, que se examine a *animalité* da qual Prospero o retira (mediante civilização) como uma violência epistêmica ou, acompanhando Meneses, uma *colonização epistêmica (...) difícil de criticar abertamente*. Neste texto, recorreremos à noção de violência epistêmica tal como apresentada por Yuderkis Espinosa Miñoso (2014), de modo a compreender os processos de invisibilização de [aqueles tomados como] nossos Outros enquanto uma violência a estas(es) imputada:

Por violencia epistémica estoy entendiendo una forma de invisibilizar al otro, expropiándolo de su posibilidad de representación: 'se relaciona con la enmienda, la edición, el borrón y hasta el anulamiento tanto de los sistemas de simbolización, subjetivación y representación que el otro tiene de sí mismo, como de las formas concretas de representación y registro, memoria de su experiencia' (BELASTEGUIGOITIA *apud* MIÑOSO, 2014, p. 318)

Trata-se de propor, neste rápido comentário aos Calibans de Césaire e de Brathwaite, que a violência de Prospero se aloja na negação à fala de Caliban ou, mais radicalmente, na negação a sua possibilidade de fala como expediente *expropiándolo de su posibilidad de representación*; e, como parte deste processo, isso implicaria interpretar a ambos os Calibans em questão como sujeitos que, mediante apropriação da linguagem, buscaram recusar, dentro das condições a estes

apresentadas, *el anulamiento tanto de los sistemas de simbolización, subjetivación y representación (...) como de las formas concretas de representación y registro, memoria de su experiencia.*

No que tange à violência assinalada na passagem da peça, observe-se a recusa de gnoseologias próprias aos sujeitos não-ocidentais (eis porque, segundo Prospero, Caliban só aprendera a falar quando por ele ensinado), assim como o controle no trânsito de saberes entre Norte e Sul (razão pela qual Caliban, tanto na peça de Césaire quanto na de Shakesperare, percebe um problema quando Prospero restringe o âmbito dos aprendizados apenas ao cumprimento de ordens julgadas importantes à manutenção de sua própria sobrevivência), ambas igualmente situáveis na base das relações hierárquicas entre Norte e Sul, ao que uma leitura reivindicando o Sul como lugar de enunciação e interlocução, tal como proposta pelo sul epistemológico conforme Meneses (e, nos termos desta argumentação inicial, conforme a mesa no evento na Universidad Nacional de Córdoba), avançaria em nossa compreensão do teatro de Césaire ao sublinhar desde o início, talvez tomando-a como premissa, a possibilidade de enunciar isonomicamente de quaisquer posições.

Em suma, a proposta inicial da referida mesa estabelecia, desde nossos lugares de pesquisadoras(es) brasileiras(os), a oportunidade de avançar no conhecimento sobre a obra de Césaire mediante cotejo de nossos resultados parciais de pesquisa com uma abordagem que, embora em diálogo com uma perspectiva francofônica, tem se construído em outros termos, situando sua obra (e, em larga medida, as obras literárias caribenhas de língua francesa pesquisadas no Brasil) em uma Relação entre Caribe e Américas, quiçá entre Caribe e América Latina mas, fundamentalmente, pressupondo discussões desde um eixo Sul-Sul. Nos termos ora apresentados, a alusão, no título da mesa, a uma busca de leituras de Césaire *desde el Sur* propicia o início de um debate em termos comuns, validados à medida em que se aceita, também, a obra ensaística de Césaire como um pensamento-Sul capaz de introduzir o avanço de nosso conhecimento científico sobre o teatro negro caribenho.

Contudo, em suas observações após a apresentação das três comunicações orais previstas, o coordenador da mesa, no exercício da polemização própria à condução dos trabalhos, flagrara um problema recorrente nas apresentações realizadas, assim como, de um modo geral, em nossos estudos sobre literaturas negras americanas: se, para analisar um determinado objeto, cada campo estipula

seus próprios marcos teóricos conforme as regras próprias ao jogo científico, sua pergunta sobre a reiterada ausência da ensaística negra caribenha contemporânea nas referências bibliográficas de nossos trabalhos sobre estas literaturas, a despeito da presença de textos centrais a um campo mais vasto dos Estudos Culturais, se mostrara assaz incômoda às(aos) pesquisadoras(es) presentes, na condição de pergunta estranha às regras do jogo, quiçá respondida mediante modulações da voz e do corpo distintas das habituais. Tal estranhamento pode ser percebido enquanto sintoma de um problema epistemológico relevante, dizendo respeito não apenas a nossos marcos teóricos mas – ponto central ao conjunto da análise ora proposta – ao lugar dos sujeitos negros no jogo científico que jogamos; estes que, em um uso da epígrafe de Yolanda Arroyo Pizarro ao romance *las Negras* (2012), poderíamos identificar como os sujeitos que nós pesquisadoras(es) temos, continuamente, *dejado fuera* e que, mediante suas obras literárias, reiteram-nos que *aquí estamos de nuevo....*, malgrado nossas práticas científicas, por vezes, os obliterem em nome de referenciais teóricos que nem sempre os trazem ao centro da análise literária. Ainda que em contexto distinto a este debate, Miñoso (2009), ao dissertar sobre a predisposição dos feminismos do Sul em servir discursivamente aos feminismos do Norte, propõe uma interpretação válida a nossos propósitos:

los efectos de la colonización discursiva de los feminismos occidentales implicaría una colonialidad intrínseca a los discursos producidos por los feminismos latinoamericanos de modo tal que ésta deja de ser sólo atributo de los feminismos del primer mundo, y en nuestras tierras tiene al menos otras dos consecuencias: la definición, en contubernio y franca dependencia de los feminismos hegemónicos del Norte imperial, de los lineamientos y ejes de preocupación y actuación del feminismo local; y, la fagocitación de las subalternas habitantes de estas tierras a través de su (buena) representación por parte de las mujeres de las elites nacionales y los grupos hegemónicos feministas (MIÑOSO, 2009, p. 45)

Miñoso nos apresenta uma ideia, forte, de que nossas abordagens aos sujeitos os fagocitam, ao se sustentar em uma naturalização de sua condição de Outro - e, caso pensemos com ajuda de Jonathan Culler (1997), o outro como ausência de Ser⁴. De tal modo que, quando nos recordamos de um conhecido

⁴ Jonathan Culler explicita o que compreende como metafísica da diferença, em seu capítulo “Escrita e logocentrismo” (CULLER, 1997, p. 104-127). Em sua leitura de *L'écriture et la différence*, Culler argumenta que, em definições caras ao pensamento filosófico ocidental como, por exemplo, corpo/alma ou civilização/barbárie, a definição do segundo elemento se dá de modo

provérbio acerca de leões e caçadores, não se trataria apenas de estabelecer, como base de nossa ciência, que os leões possam, enfim, também eles, gozar a possibilidade de construir narrativas de caça; talvez se trate, igualmente, de cogitar que nossa investigação científica sobre a literatura destes leões visa a construir interpretações, formular problemas teóricos sem, contudo, jamais se credenciar ou se reivindicar o meio legítimo a *dar voz* a tais literaturas, tampouco a *falar por* elas, sob pena de, mesmo com o figurino de Caliban, ao fim e ao cabo encenar as falas de Próspero⁵. Na literatura destes leões, [aqueles que tomamos como] nossos Outros *par excellence*, percebemos o direito de glorificar, de narrar e de obter o reconhecimento da narrativa sobre si próprios, questionando, objetivamente, sua outrização de nossa parte. Em outras palavras, está em jogo o direito à representação de si. A este respeito, Edward Said (1995, p. 269) propõe uma “afetuosa contenda (...) pelo direito de representar o Caribe”, quando de seu comentário a *Une tempête*:

O cerne de *Une tempête* do caribenho Aimé Césaire, não é o *ressentiment*, mas um afetuosa contenda com Shakespeare pelo direito de representar o Caribe. Esse

a que o segundo elemento se defina por ausência, insuficiência ou deficiência do primeiro: definições cujo segundo elemento se define pela ausência do Ser (prerrogativa do primeiro elemento, tomado como norma). Supondo que um grupo possa atribuir a si próprio como Ser (mediante, por exemplo, um mito fundador) e, a partir daí, atribuir-se a prerrogativa de definição do Outro como aquele que, por exceção, *não é* (ALVES, 2012, p. 18); e supondo que nós próprios, enquanto investigadoras(es), nos outorgamos esta posição-de-Sujeito; tendemos, em nosso fazer científico, a compreender [aqueles tomados como] nossos Outros enquanto ausência de Sujeito.

⁵ Não por acaso, o primeiro movimento cênico de *Une tempête* consiste na distribuição dos papéis e figurinos entre a trupe que, em alguns minutos, encenará a subtitulada “Adaptation pour un théâtre nègre”, em uma passagem significativa quando examinamos as falas do *Meneur de jeu* conduzindo e comentando as escolhas de figurinos por parte de cada atriz(ator). Observemos que, de um ponto de vista cênico, a possibilidade de escolha, momentos antes de entrar em cena, pressupõe o domínio de todos papéis por todas(os) atrizes(atores); e, do ponto de vista político, a necessidade de resistir à dominação mediante conhecimento de todas posições em jogo, assim como a contrapartida (ou melhor, o risco) de assumir um papel encenando, todavia, outro – daí a imagem de, malgrado assumindo o figurino de Caliban, reproduzir as falas de Próspero; malgrado em posição de dominação, assumir as falas de quem domina, com todas suas consequências. Em outros termos: a posição em cena não define, absolutamente, a natureza dos sujeitos que atuam; e, em conformidade à definição de Miñoso adotada neste artigo, definir a natureza de [aqueles tomados como] nossos Outros, a sua revelia, incide em violência epistêmica contra estes sujeitos.

impulso à contenda faz parte de um esforço mais grandioso para descobrir as bases de uma identidade integral diversa da anterior identidade dependente e derivativa (SAID, 1995, p. 269)

Said propõe um modelo de interpretação possível de *Une Tempête* – e, por extensão (nossa hipótese, aqui), de qualquer obra americana que experimente se apropriar de uma obra não americana⁶ – percebendo que, a partir de seu lugar de enunciação, cada obra se constitui como algo novo, sem esgotar o processo em uma noção de reescritura, tampouco de paródia, mas buscando perceber o estabelecimento de algo novo a se servir globalmente de muitas referências anteriores (dentre as quais Shakespeare), de legados culturais tributários de modelos distintos de colonização, em um espaço exíguo a ser necessariamente partilhado, com tendência ao conflito, por todos estes legados, do que decorre a necessidade de negociar culturalmente, a todo momento, sob pena de inviabilizar a convivência no espaço insular caribenho. Said interpreta *Une Tempête* e, por extensão, cada obra americana (este uso de *por extensão* correspondendo, uma vez mais, a nossa hipótese) como própria do lugar e não redutível a todos os influxos que contribuem a sua origem, dentre os quais o arcabouço de literatura centroeuropeia tomada como universal⁷, as diferentes migrações europeias, os distintos patrimônios culturais egressos de diferentes comunidades africanas

16

⁶ Esta hipótese ganha sentido quando se toma o conjunto do trabalho desenvolvido, desde 2009, na Universidade Federal do Piauí, pelo Projeto de Pesquisa Teseu, o labirinto e seu nome, coordenado pelo autor deste artigo. O referido Projeto busca, precisamente, investigar as construções identitárias negras americanas, mediante exame de suas literaturas nacionais; e, a médio prazo, o Projeto busca desenvolver elementos a uma metodologia comparativa entre estas literaturas negras nacionais nas Américas. À luz desta explicitação, faz sentido que, em vez de pensar as construções identitárias caribenhas como baseadas, construídas ou moldadas por um modelo de identidade europeia unívoca e prévia, se possa reconhecer nestas literaturas algumas bases a construções identitárias integrais, diversas quanto à anterior identidade [supostamente unívoca,] dependente e derivativa (ALVES, 2013).

⁷ Ao que convém observar, no texto de *Une tempête*, os modos como Caliban e Ariel se servem de aprendizados desde os livros de Próspero, assim como de suas tecnologias; do ponto de vista literário, observemos as epígrafes recorrentes de autores franceses canônicos, nas obras produzidas pelos expoentes da Crioulidade: por exemplo, o recurso recorrente de Raphaël Confiant a epígrafes de Victor Hugo, notadamente em *L'eau de café* (em que cada capítulo abre recorrendo a uma distinta epígrafe de Hugo) e *Adèle et la pacotilleuse* (em que Hugo, além da epígrafe, se torna personagem a se relacionar com a protagonista Céline Alvarez Bâa, além de ter sua peça *Bug-Jargal* aludida e comentada).

aportadas à ilha em regime de escravização. Édouard Glissant, ao apresentar seu modelo de construções identitárias tomando de empréstimo a noção de rizoma (GLISSANT, 1996) discute esse ponto supondo que, talvez, um modelo atávico de raiz, de descendência, funcione em discussões identitárias europeias mas que, em contextos americanos, não seríamos unos e, precisamente nesse Diverso, residiria aquilo que nos constitui (ALVES, 2013). Desde estes aportes de Glissant e Said, *Une Tempête* se mostra uma obra que, posteriormente e para além de Shakespeare, se lhe apropria possibilitando uma obra literária nova que não se repete e na qual não mais se discriminam seus elementos iniciais; nestes termos, a contribuição de seus muitos influxos constroi uma versão, uma tempestade possível, não mais *a* de Shakespeare: Césaire não busca ser Shakespeare.

Contudo, sob este ponto, há uma distância necessária a se tomar do texto de *Cultura e imperialismo* visto que tal contenda não pode, necessariamente, ser afetuosa. Talvez seja possível, e plenamente plausível, associar um traço comum de busca de bases identitárias nas várias vozes dos textos literários contemporâneos reconhecendo, nesses textos, o traço identitário, bem como a constante de uma identidade diversa e, necessariamente, compósita (GLISSANT, 1996). Na equação que busca compreender as vozes emergindo das literaturas negras americanas, eis a pergunta pelo lugar de onde se enuncia, sobretudo quando tomamos, natural[izada]mente, certos sujeitos segundo um conceito político de minorias. *Une Tempête* tem sido frequentemente comentada por muitos dos textos teóricos referências ao estudo de literaturas negras americanas, notadamente por um viés pós-colonial, dentre as quais *Peau noire, masques blancs*, de Frantz Fanon, assim como *Cultura e imperialismo*. Ao contrário de *The tempest*, que se toma amiúde como *a* tempestade por excelência, temos em Césaire, desde seu título, *Uma tempestade possível* (ALVES, 2010), não porque se tome Césaire, ao menos explicitamente, como texto genérico em relação a um original de Shakespeare, mas porque a idéia de lugar de enunciação ao centro permite enunciar, falar sobre o Caribe, assim como *a* tempestade de Shakespeare se propõe, analogamente, a falar sobre o Caribe, ambas, inclusive, tendo como traço comum o recurso à atopia da ilha-palco (ALVES, 2013). Contudo, nos cabe perguntar por que, nesta contenda para representar o Caribe, se reconhece uma universalidade na representação de Shakespeare, ao ponto de retirar qualquer sentido de representações posteriores do Caribe, notadamente quando emergjam dos próprios sujeitos caribenhos. Percebe-se um nó górdio no parágrafo de *Cultura e Imperialismo* no momento em que se propõe a “afetuosa contenda”

visto que, se afetuosa, aproxima-nos do discurso do Próspero que, permanentemente, ao longo de toda a peça – e, inclusive, ao longo de toda a peça de Shakespeare – traz o sintoma de uma existência por ele apropriada, a todo momento: a de Caliban, sujeito escravizado. Não se apresenta, em princípio, o reconhecimento de Caliban como uma individualidade, um sujeito portador de uma língua e de uma cultura:

PROSPERO

Puisque tu manies si bien l'invective, tu pourrais au moins me bénir de t'avoir appris à parler. Un barbare! Une bête brute que j'ai éduquée, formée, que j'ai tiré de l'animalité que l'engangue encore de toute part! (CESAIRE, 2008, p. 25)

Tal reconhecimento não se apresenta em momento algum das *Tempestades* (nem na de Shakespeare, tampouco na de Césaire) ao que se coloca, ao Caliban desta última, o desafio de obtê-lo mediante luta. Isto posto, a contenda de Said não pode ser afetuosa por estar em jogo a legitimidade de representação desde o próprio lugar: a fala está diretamente relacionada ao lugar e ao tempo de onde emana (GLISSANT, 1996, p. 29), do que decorre a necessidade de que esses lugares de enunciação gozem de isonomia, para que não se grite desde onde se enuncia; o grito, nesse caso, indicaria um problema de horizontalidade ou, melhor dito, de isonomia das diferentes falas, condição *sine qua non* à possibilidade de enunciação⁸. A contenda não pode ser afetuosa porque, em jogo, está a legitimidade da enunciação a partir do próprio lugar, pressupondo a isonomia necessária para falar e ser ouvido. Malgrado a profusão de escritoras(es) contemporâneas(os) no Caribe, muitas vezes legitimadas(os) pelo campo literário centroeuropeu, permanece o risco de tomar Shakespeare como referência

18

⁸ Sobre estas condições necessárias à enunciação de sujeitos em-subalternidade, sugere-se o artigo “Díaspóra e subalternidade em Lucrecia Panchano”(FERREIRA; ALVES, 2016). No tocante a nossos referenciais teóricos dos quais parte o exame do problema, cumpre observar Glissant (1996, p. 29) em sua noção de criouliização *quand même*, prevendo, simultaneamente, a possibilidade de desequilíbrio entre componentes culturais por ausência de isonomia (no caso de *Une tempête*, a animalização de Caliban operando como fator *quand même* a impedir uma criouliização entre a cultura dele e a de Próspero); assim como as duas vertentes ao conceito de representação, debatidas por Gayatri C. Spivak (2010), a partir de que se pode pensar o problema da autorrepresentação de sujeitos em-subalternidade – e, deduzida de sua crítica a uma posição-de-sujeito assumida pelo intelectual (desde Deleuze e Foucault, por exemplo), o problema da legitimidade de tal autorrepresentação.

incontornável ao falar do Caribe ou, acompanhando uma ideia derivada de Spivak (2010), *falar pelo* Caribe; essa contenda não pode ser afetuosa pois, de seu lugar, as literaturas negras caribenhas reivindicam permanentemente a legitimidade de sua enunciação; cada peça, cada poema é uma luta⁹, e essa contenda não pode ser afetuosa quando se disputa o direito à voz, à palavra, à representação, a dizer-se desde seu próprio estar-no-mundo, seus modos de pensar o mundo, de vivê-lo e de agi-lo. Como pode ser afetuosa a contenda se o risco, ao perdê-la, é ser condenado a ser representado, ser dito, *ser pelo* outro?

O cerne de *Une tempête* do caribenho Aimé Césaire, não é o *ressentiment*, mas um afetuosa contenda com Shakespeare pelo direito de representar o Caribe. Esse impulso à contenda faz parte de um esforço mais grandioso para descobrir as bases de uma identidade integral diversa da anterior identidade dependente e derivativa (SAID, 1995, p. 269)

Convém, nesta citação, observar que a recusa a uma noção de *ressentiment* talvez possa ser compreendida, à luz de um quadro teórico pós-colonial, como um debate do texto de Said com uma formulação desta noção em Harold Bloom; ainda que, neste autor, o *ressentiment* diga respeito a algo que se supõe na natureza de literaturas não-canônicas (especificamente, aqui, no tocante a literaturas negras americanas)¹⁰, o problema de representação dos sujeitos negros desde seu lugar de enunciação evoca, no comentário de Said a Fanon, alguns matizes da dialética senhor-escravo na *Fenomenologia do espírito*, a partir da qual

19

⁹ Esta é a hipótese da canção “Tributo a Martin Luther King”, de Wilson Simonal e Ronaldo Bôscoli, presente no quarto volume do álbum *Alegria, Alegria*, de Wilson Simonal (1969). Assim como a própria peça de Césaire, a canção se mostra contemporânea aos debates identitários negros nos Estados Unidos, ao final da década de sessenta; do ponto de vista de uma história possível à música negra nas Américas, eis um Simonal também compositor, comprometido a seu modo com um mesmo contexto supracitado, no qual ainda se pode situar, por exemplo, a música de Nina Simone, no mesmo período.

¹⁰ Ao que seguir a pista de uma noção de *ressentiment* em Bloom pode levar a um elemento distintivo importante (e inesperado) na definição do que se compreende por cânone: estas literaturas aqui englobadas gozam a prerrogativa de uma referência universal, dizendo sobre o ser, ao passo que às literaturas [por nós compreendidas como] do *ressentiment* caberia somente dizer sobre si, de modo autorreferencial e, em última instância, tautológico. Caso nos apropriemos do esquema de metafísica da presença conforme Culler, poder-se-ia propor que tais literaturas sejam acometidas de ausência de universalidade (sua ausência de Ser) e, subjacente a isso, só possam ser definidas em relação ao que se define, eminentemente, como Literatura.

a consciência, para ser, necessita da relação estabelecida com o outro ou, mais adequado à presente discussão, com [aqueles que tomamos como] nossos Outros; mas nessa operação, o outro opera como objeto à consciência, resistindo à tentativa, por parte da consciência, de torná-la objeto – a própria busca desta resistência em Caliban, por si só, desenvolve uma interpretação possível de quaisquer das Tempestades.

CALIBAN

D'abord ce n'est pas vrai. Tu ne m'as rien appris du tout. Sauf, bien sûr a baragouiner ton langage pour comprendre tes ordres: couper du bois, laver la vaisselle, pêcher du poisson, planter des légumes, parce que tu es bien trop fainéant pour le faire. Quant à ta science, est-ce que tu me l'as jamais apprise, toi? Tu t'en es bien gardé! Ta science, tu l'a gardes egoïstement pour toi tout sel, enfermée dans tes gros livres que voilà (CESAIRE, 2008, p. 25)

Em contrapartida, também se espera que estes sujeitos, não-redutíveis à condição natural[izada] de nossos Outros, resistam, sob pena de tornar-se um objeto à consciência exógena. A este respeito, Said comenta Fanon: se, em Hegel, há a relação entre consciências, esta se dá necessariamente entre iguais (ao que já aludira, por exemplo, o risco de crioulizações *quand même*, em Glissant):

Assim podemos entender a insistência de Fanon na releitura da dialética hegeliana do senhor e do escravo à luz da situação colonial. Fanon assinala que o senhor imperialista 'difere basicamente do senhor descrito por Hegel. Para Hegel existe reciprocidade; aqui o senhor da consciência do escravo. O que ele quer do escravo não é reconhecimento, e sim trabalho' (SAID, 1995, p.266)

Não se trata de uma contenda entre iguais porque o escravo (o sujeito negro escravizado, em *Une tempête*) não é um igual, não é um homem, conforme o conceito universal de Homem¹¹: a relação entre consciências se dá entre iguais, mas o negro é propriedade voltada ao trabalho, não à enunciação. Eis, neste ponto, a casa da violência epistêmica.

Si bien podemos reconocer la academia y sobre todo la academia asentada en el norte como lugar de enunciación privilegiada, luego de escuchar a las compañeras que están ubicadas en estos lugares, terminamos admitiendo que 'el norte' no es homogéneo como tampoco 'el sur'. Tanto en un lado como en otro podemos encontrar compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico o con su

¹¹ Eis uma das premissas sob as quais se fundamenta o texto do *Code noir*, proposto por Colbert em 1685 para, particularmente, definir o regime jurídico de posse de escravos.

destitución. De lo que se trata entonces es de reconocer las especificidades de cada lugar y de potencializar articulaciones que permitan avanzar en la concreción de los objetivos político-académicos de un feminismo comprometido con la descolonialidad y el antirracismo (MIÑOSO, CORREAL, MUÑOZ, 2014, p. 35)

Esta citação organiza, de modo preciso o que se propusera, no texto, como Paradoxo de Córdoba: visando à compreensão das literaturas de [aqueles que tomamos como] nossos Outros, alojamos amiúde a violência epistêmica ao centro de nossos modos de compreender nossos sujeitos de estudo, [aqueles tomados como] nossos Outros, amiúde denominadas(os) “do Sul”. Uma das consequências deste paradoxo consiste na necessidade premente, em nosso fazer científico, de uma vigilância epistemológica que nos leve a, precisamente, reconhecer os lugares donde enunciamos enquanto sujeitos de investigação, prevenindo “compromisos con el pensamiento y el poder hegemónico” identificados com uma “academia asentada en el norte como lugar de enunciación privilegiada”.

Próspero, em Shakespeare, sequer concede a Caliban a faculdade da fala e do pensamento tomando-a como seu veículo. A relação, pois, se dá de modo desigual: apenas de parte do senhor (o senhor europeu, nesse contexto da peça de Césaire) há consciência, aplicando-se a este as noções de Homem e de universalidade – eis, redivivo, o debate ao centro do *Code Noir*, do final do século XVII, já presente no pleito de Bartolomeo de Las Casas no século anterior, onde se debatia se índios e negros teriam alma e, uma vez a tendo, se suas almas não incorreriam em um regime de *tabula rasa*. Permanece-nos o risco de pensar as literaturas negras americanas em moldes similares, culminando em uma ciência que, ao fim e ao cabo, se resume a um trabalho taxonômico. Nossas análises literárias das literaturas negras americanas, quando tomamos estes sujeitos como nossos Outros [sem questionar nossa própria outorga de um lugar-Sujeito], efetuando esta outrização sem nos perguntar pelo lugar de enunciação de nossos referentes teóricos, tampouco pelo lugar político de nossa posição científica assim procedendo, se move no gume da fagocitose, do silenciamento, da negação destes sujeitos [a quem, supostamente, lhes conferimos voz] em nosso fazer científico. Em muitos casos, se trata de referenciais teóricos nos quais estes sujeitos sequer se constituem em tema de investigação; todavia, em muitos casos se mostra, a este respeito, um sintoma da violência epistêmica não apenas de parte de abordagens teóricas, de matriz centroeuropeia, debruçadas no estudo de [aqueles tomados como] seus Outros como, também, de nossa própria predisposição, acadêmica, a servir discursivamente a tais abordagens – problema, em germe, assinalado pelo

coordenador da mesa, no desenvolvimento dos trabalhos em Córdoba. Uma abordagem às literaturas negras americanas, debruçada sobre este problema, contribuiria no avanço de nosso conhecimento ao postular, no horizonte dos marcos teóricos e das análises literárias, uma abertura aos discursos acerca destas literaturas, destes sujeitos, enunciados desde si próprios. A viabilidade de tal perspectiva se consolida caso consideremos a recorrência de uma dupla dimensão, literária e ensaística, na base do ensaio americano (e aqui, tornando-nos mais específicos para fins de análise, do ensaio negro americano), dado também identificável tanto na obra de Césaire quanto no cenário mais amplo das literaturas negras caribenhas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ARROYO PIZARRO, Yolanda. *las Negras*.

CÉSAIRE, Aimé. *Une tempête*. Paris: Éditions du Seuil, 2008.

ALVES, Alcione Corrêa. "Mon nom, je l'habite tout entier": littérature-monde en français e seus lugares de enunciação. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2012, 208f.

_____. « Desvio (Détour) ». BERND, Zilá (org). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Litteralis, 2010. p.129-145.

_____. Teseu, o labirinto e seu nome: sobre um parágrafo de Cultura e imperialismo. In: II Encuentro de Ciencias Humanas y Tecnológicas del Cono Sur (ECHTEC), 2013, Bogotá. *Anales del II Encuentro de Ciencias Humanas y Tecnológicas del Cono Sur* (ECHTEC). Bogotá: Universidad Sergio Arboleda, 2013. v. 1. p. 829-837.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental: os livros e a escola do tempo*. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

CULLER, Jonathan. Escrita e logocentrismo. In: *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*. Tradução de Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997. p. 104-127.

FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil, s.d.

FERREIRA, Rosa Áurea ; ALVES, Alcione Correa. Diáspora e subalternidade na poesia

de Lucrecia Panchano. *Palimpsesto*. [Online], volume 15, 2016, p. 85-101.

GLISSANT, Édouard. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.

MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. [Online], número 80, 2008, p. 5-10. URL : <http://rccs.revues.org/689> . Acesso em 30 sept. 2016.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. Etnocentrismo y colonialidad en los feminismos Latinoamericanos: Complicidades y consolidación de las hegemonías feministas en el espacio transnacional. *Revista Venezolana de Estudios de la Mujer*, Caracas , v. 14, n. 33, 2009, p. 37-54, dic. 2009. Disponible en <http://www.scielo.org.ve/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1316-37012009000200003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 30 sept. 2016.

MIÑOSO, Yuderkis Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. Introducción. In: *Tejiendo de otro modo*. Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Yuderkis Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz (editoras). Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014, p. 13-39.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SHAKESPEARE, William. *A tempestade*. Tradução de Beatriz Viégas-Faria. Porto Alegre: L&PM, 2006. 115p. (L&PM Pocket, 268)

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: EdUFMG, 2010.

Artigo Recebido em: 30 de setembro de 2016.

Artigo Aceito em: 06 de março de 2017.

